



uma brasa acesa de amor e morte

Bárbara Lia



gueto editorial

Uma brasa acesa de amor e morte

Bárbara Lia



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Bárbara Lia, 2017**

<https://www.facebook.com/barbaraliapagina/>

Coleção #breves | Livro 4

Selo Gueto Editorial ® 2017

Edição e projeto gráfico

Jerome Knoxville

Edição e revisão

Amanda Sorrentino

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro quatro
⊙

Literatura é Liberdade.
Susan Sontag

Silêncio: esta inominável arma de guerra
e coragem
de apagar-se
como estrela

Não suporto o ruído dourado do sol
A arrastar seu manto sobre os tristes
Grão a grão toda beleza é triturada
O tempo agora é líquido — lacrimado

Um deus que lesse Maiakovski
Um deus que criasse o silêncio
Como os russos criaram as babushkas
Um silêncio dentro de outro silêncio
Dentro de outro silêncio...

Adentrar o silêncio
— em camadas —
Total ausência de som

Ficar lá até a alma voltar
Ao estado de lago plácido
Ficar lá até respirar
O ar, não mais este ácido

“era a tristeza”
Clarice Lispector

Nas noites caladas a mulher acaricia o tédio
Bêbada de entornar a rotina fria: casa, louça, pia
Cotidiana tristeza, mesmice crônica
Cortada pelo perfume da flor de laranjeira
A arrastar — lerdo como um trem — aquele sim
Para a vida inteira

**“Crucificada pela lassidão
Arranha uma chaga”**
Clarice Lispector

Quem volta
para abraçar
um pássaro
não o encontra
mais

“Não gosto de nada, sou como os poetas”
Clarice Lispector

Como os poetas, sigo avessa ao mundo
Como os poetas, questiono até as pedras
Como os poetas, sei mais que quiromantes
— olhos de enxergar no escuro —
Há em mim o clarão do sim
Que deus disse na primeira manhã
Depois desta iluminação...
Ao que amar?
A quem?

Liquefaz o sangue do sol
Em mil luzes de orvalho
Ameniza! Estica o tempo
Feito orgasmo de rainha

“Enquanto eu inventar Deus. Ele não existe.”
Clarice Lispector

Sempre a colidir com Deus
Nas horas incríveis
Nas horas túrgidas
Nas horas cruas
Mas, no dia a dia — Deus esfuma
Eu sempre quis ser íntima
Brincar com ele
Qual na infância
Como se ele fosse um vizinho
Que se chama pelo vão da cerca:
— Vê as amoras maduras?
Vamos devorá-las depois do pique esconde?
— Pena. Amanhã eu vou. Hoje fiquei de castigo

(A mãe dele o afasta da janela e fecha a cortina.
Antes acenamos um ao outro, um pouco tristes)

O mundo é o lixo de deus
Somos as laranjas podres
Nos cestos e nas bocas

Cuspidas
Massacradas
Espargindo o podre

O mundo é o lixo de deus
Existe outro lugar
Com rodopios de valsas
E colibris no cio as asas em orgasmo

Lá seremos o perfume de laranjeira
Hálito de deus
Vivendo a paz de uma simples
Quarta-feira

Deus semeia seres como minha mãe semeava hortaliças
Deus derrama gelo nas almas e elas ficam quais as gramas brancas
Deus é o horticultor terrível a rasgar nossas entranhas
Como a raposa rasga a carne das galinhas que ela alcança
Somos alcançados por Deus e não sobra osso sobre osso
Deus sai caminhando duro e nem ao menos move o pescoço

Deus semeia seres como minha mãe semeava hortaliças
Para depois triturá-los como a raposa às aves no galinheiro
Sai displicente sem olhar pra trás e ficamos assim —
Triturados — sem ver a face de Deus nunca mais

Deus é só uma televisão ligada no andar de cima:
Melhor ler Rimbaud
E se me perguntarem o que será:
Dia nenhum sem pão e música
Mundo melhor
Amém!

E esqueçam Deus!

Este poema é maior que o momento...

Raptada
Pelo ar
Do poema
Embalsamada
Em um colarinho
Engomado
De silêncios

Eu mesma
Estou retalhada n'alma
Ainda assim sustento
Um escultural
Gorro de begônias
No rasurado azul noturno
Este olhar de dois segundos
O enigma
O ramo seco

(Quero uma primavera perfeita para — só depois — morrer)

E as rosas mínimas almas?
E os espinhos mínimas prisões?
Cada jardim é um mundo
Guardado por metáforas
Chuviscado de poesia
E ainda há os que dizem
Que a vida é fria

Madrugada esfoliada
Acoçada por cenas intensas
A espiar da janela
A cena molhada:
As rosas fazendo sexo
— despudoradamente —
Diante dos lírios da paz

O limbo é uma ilha
cercada de mãos
por todos os lados
o amor é um lugar
onde a fúria amorável
nos põe pra dormir
se não fosse tanto
se não fosse táctil
se não fosse ar

Alma arredia
rosa tardia
corpo arredio
sol com frio

Tempo de luta
das rosas rebeldes
não aquelas dos buquês
mas aquela rosa selvagem
aferrada ao solo
pra nunca mais ser morta

Poucas coisas vêm a mim
trazendo o medo pela mão
— felicidade é uma delas —
nada é mais amedrontador
que ser feliz a vida inteira
resta cultivar esta dor sem fim
como ao mais amado jardim

Viver é habitar reticências...

O Rio de Janeiro
é uma brasa acesa
de amor
e morte

Iemanjá pranteia
o diabo goza
as estrelas gritam
as areias respiram
a dor e a glória

o Cristo
quer descascar a pedra
descer ao asfalto

sambar na quarta-feira
e em cinzas
diluir

— para nunca mais ver tanta dor, ancorado no azul distante.

Bárbara Lia nasceu em Assai (PR). Poeta e Escritora. Professora de História. Publicou onze livros, entre eles: O sorriso de Leonardo (*Kafka edições baratas*, 2004), O sal das rosas (*Lumme editor*, 2007), A última chuva (*Mulheres Emergentes*, 2007), Constelação de Ossos (*Vidrágua*, 2010), Paraísos de Pedra (*Penalux*, 2013), Solidão Calcificada (*Imprensa Oficial do PR-SEEC*, 2008), Respirar (*Ed. do autor*, 2014) e Forasteira (*Vidrágua*, 2016). Integra várias Antologias, entre elas: O que é Poesia? (*Confraria do Vento / Cáliban*), O Melhor da Festa 3 (*Festipoa*), Amar – Verbo Atemporal (*Rocco*), Fantasma Civil (*Bienal Internacional de Curitiba*), A Arqueologia da Palavra e a Anatomia da Língua (*Maputo*).



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo